

HABITAR
PORTUGAL

SELECCÃO
MAPEI/
IRDEM DAS
ARQUITECTOS

2006 /
2008

NORTH OF PORTUGAL, SOUTHERN EUROPE

Pedro Bandeira

To say *north* implicitly recognises a certain centrality that also legitimises saying *south, west or east*. This centrality is almost always reinforced by a map-making tradition that is linked to the representation of power. And, in this context, saying *north* is to affirm the marginality given to Portugal, because other maps will show that the *north* is a south for other centralities. In the cartography of *Habitar Portugal* these conventions tend to dissipate in a *placeless* architecture ("buildings that descend dancing from the sky," in the beautiful expression of Shunsuke Kurakata) but, in the journey made to see the proposed works *in situ*, it can be said that there is still, at least between coast and interior, a feeling of a border that is difficult to dismiss. The literary dichotomy of *The City and The Mountains* by Eça de Queiroz still validates the imbalance in geographical and demographic nature, developmental levels, employment or representations of power. The works in *Habitar Portugal* may not only show this difference in architectural terms, but their asymmetrical dispersion (a large majority of the works proposed are on the coast), and their exceptional nature (differentiated investment depending on the context) are factors that must not be ignored. As a culture, we are full of contradictions and contrasts. We may not have money, but we have the greatest density of ATMs per inhabitant in the whole of Europe. We are proud of having invented the *automatic tolls* when in reality we hide a medieval legacy of toll roads. And any distance is measured today in motorway hours. If there is no motorway to take you there, it is as if it does not exist. We desperately aspire for progress (architecture involving "modern lines," "modular houses," "futuristic design," etc.); we are, in theory, anxious to make that jump, but in practice we get tired of waiting.

NORTE DE PORTUGAL, SUL DA EUROPA

Pedro Bandeira

Ao dizer *norte* encontra-se implícito o reconhecimento de uma certa centralidade que legitimará igualmente o dizer *sul*, o dizer *ocidente* ou *oriente*. Esta centralidade é quase sempre reforçada por uma tradição cartográfica que não se dissocia da representação do poder. Neste sentido, dizer *norte* é afirmar uma marginalidade convencionada para Portugal, ditosamente relativa, porque outros mapas dirão que afinal o *norte* é o sul de outras centralidades. Na cartografia de *Habitar Portugal* estas convenções tendem a dissipar-se na exibição de uma arquitectura *sem-lugar* ("edifícios que descem dançando do céu," na bela expressão de Shunsuke Kurakata) mas, da viagem efectuada para ver as obras propostas *in situ*, poder-se-á dizer que persiste, pelo menos entre o norte litoral e o norte interior, um sentimento de fronteira que difficilmente poderemos ignorar. A dicotomia literária *A Cidade e as Serras* continua a validar o desequilíbrio de índole geográfico, demográfico, de níveis de desenvolvimento, emprego ou representação de poder. As obras propostas a *Habitar Portugal* poderão não evidenciar essa diferença na sua arquitectura, mas a sua dispersão assimétrica (grande maioria das obras propostas no litoral) e o seu carácter excepcional (investimento diferenciado em relação ao contexto) serão factores que não deverão ser ignorados. Somos uma cultura cheia de contradições e contrastes. Poderemos não ter dinheiro mas temos a maior densidade de caixas *multibanco* por habitante em toda a Europa. Orgulhamo-nos de ter inventado a *via verde* quando na realidade escamoteamos a herança medieval das portagens de circulação. E qualquer distância é hoje medida em horas de auto-estrada. Se não há auto-estrada para lá chegar é como se não existisse. Ambicionamos desesperadamente o progresso (arquitectura de "traço moderno," "habitações modulares;" "arquitectura futurista," etc.); estamos, em teoria, ansiosos por dar esse salto, mas na prática cansamo-nos de esperar.



It is surprising how our cities continue to depend on the identity of their historic centres. Surprising, because the cities grew hugely after 1974, and surprising because the historic centres have been through, and are going through, many adverse situations, particularly with the problem of a generalised desertification equal to a not necessarily autonomous or external rise of the suburbs. As a result of unexistent credible urban policies and property speculation supported by easy credit, the urban landscape in recent decades suffered from an accumulation that did not reinforce a modern city model (growth inflated by replacement), nor the canonical city model (growth moderated by restoration). The result? An unbalanced landscape, fracturing and yet full of a perverse charm, as if plurality is, in itself, a guarantee of value, or as if the awareness of some kitsch irony may work as a digestif for the post-modern landscape that boomed in the 1980s.

Simultaneously progressive and nostalgic, we are faced by cities in which any investment seems only to accentuate further the omnipresent signs of a certain decadence that does not protect the traditional nor the modern, the centre nor the peripheral. All the investment seems to be directed to exceptional programmes with high political and media visibility. Cities seem today to depend on expos, cultural capitals, football championships, world heritage recognition, urban programmes, universities or large commercial areas. And the architects have never been so busy designing schools, theatres, life sciences centres, environmental education centres, groups of businesses or industrial clusters.

Even so, the indisputably necessary investment in public space and equipment does not hide the stark contrast between projects funded by



Não deixa de ser surpreendente como as nossas cidades continuem a fazer depender a sua identidade dos seus centros históricos.

Surpreendente, porque as cidades cresceram muito depois de 74 e, surpreendente, porque os centros históricos passaram e passam pelas mais adversas situações, destacando-se o problema do abandono generalizado a troco de um crescimento periférico, não necessariamente autónomo ou externo.

Fruto da ausência de políticas urbanas credíveis ou da especulação imobiliária suportada por um regime de crédito acessível, a paisagem urbana sofreu nas últimas décadas uma acumulação que nem reiterou o modelo da cidade moderna (crescimento exasperado por substituição) nem o modelo da cidade canónica (crescimento moderado por reabilitação). Resultado?

Uma paisagem desequilibrada, fracturante e ainda assim plena de um perverso charme, como se a pluralidade fosse só por si a garantia de valor, ou como se a consciência de uma qualquer ironia kitsch funcionasse como um digestivo da paisagem pós-moderna que surgiu em força nos anos 80.

Simultaneamente progressistas e nostálgicos, estamos perante cidades em que qualquer investimento só parece acentuar ainda mais os sinais omnipresentes de uma certa decadência que não poupa tradicional nem moderno, centro ou periferia. Todo o investimento parece estar direcionado para



European financing and the lack of investment in vacant city plots or in a city that grew spontaneously on the margin of planning and architecture. However, it will not grow much more.

The global economic crisis is now being felt in a previously unthinkable way. On all sides there are signs reading "for sale/for rent": construction works are stopped with no expectation they will be finished, public spaces in private developments wait desperately for houses that will most probably never be built, and there are completed buildings with closed electric shutters and surveillance cameras, and no inhabitants to control. Simultaneously, we see gypsy camps with no housing conditions, infrastructures or public transport network. Over the last three decades private investment has dominated, in an irresponsible way, Portugal's built landscape with the quality of public space almost always assuming a second place. Today, the clear stagnation of the property market means that all attention has returned to public investment, but the interests and the opportunities, once again, only seem to contribute to an imbalance between coast and interior, between the city and the mountains, and, even in the cities, between things that are visible and attractive and those that do not gain votes or retain public attention. The crisis in construction, however, will have its advantages. As in the financial market, this constitutes an opportunity to stop to think and invest responsibly, that is, to put quality before speculation, to put the public interest ahead of private interests and the long-term ahead of the short-term.

So, what can architects do, faced with this crisis scenario and with the social and financial imbalance of a euro-dependent country?

programas de exceção de forte visibilidade política e mediática. As cidades parecem hoje depender de expos, capitais da cultura, campeonatos de futebol, reconhecimento mundial de património, programas *Polis*, universidades ou grandes superfícies comerciais. E os arquitectos nunca estiveram tão atarefados a desenhar escolas, teatros, centros de ciência viva, ou educação ambiental, ninhos de empresas ou *clusters* industriais.

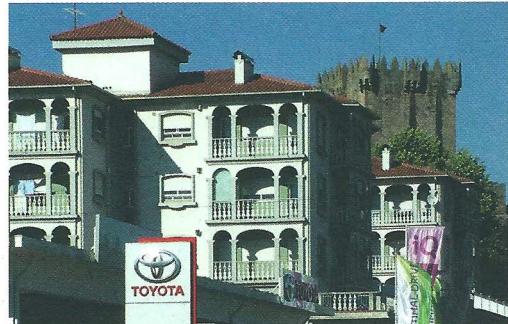
Ainda assim, o investimento em espaço e equipamentos públicos, indiscutivelmente necessário, não deixará de ocultar uma realidade contrastada entre os projectos estimulados pelo financiamento europeu e a ausência de investimento na cidade devoluta ou na cidade que cresceu de modo espontâneo à margem do planeamento e da arquitectura.

Mas não crescerá muito mais.

A crise económica global faz-se agora sentir de um modo anteriormente impensável. Um pouco por todo o lado vêem-se letreiros com a inscrição "vende/aluga," vêem-se obras paradas sem esperança de qualquer final, vê-se o espaço público de lotamentos terminado que aguarda desesperadamente por casas que muito provavelmente nunca chegarão a existir e vêem-se prédios concluídos com estores eléctricos fechados e câmaras de vigilância e sem moradores para controlar. Simultaneamente, vemos acampamentos de ciganos sem quaisquer condições de habitabilidade, infra-estruturas de saneamento ou rede de transporte público.

Nas últimas três décadas o investimento privado dominou, de modo irresponsável, a paisagem construída em Portugal, remetendo quase sempre para um segundo plano de interesse a qualidade do espaço público. Hoje, a evidente estagnação do mercado imobiliário faz com que toda a atenção se volte para o investimento público, mas os interesses e as oportunidades, mais uma vez, só parecem contribuir para um desequilíbrio entre litoral e interior, entre a cidade e as serras e, mesmo nas cidades, entre aquilo que é visível e mediático e o que não representa votos ou atrai a atenção pública. A crise na construção, no entanto, terá as suas vantagens. Tal como no mercado financeiro, esta constitui uma oportunidade de parar para pensar e investir de um modo responsável, isto é, de um modo que sobreponha a qualidade à especulação, que sobreponha os interesses públicos aos interesses privados, os interesses perduráveis aos interesses imediatos.





Surely the vast majority agree that, in the aftermath of an ideological modernist inheritance hit by the certainty of neo-liberalism, nothing can be done if it does not respond to the few demands that the public or private market is going to make. It is difficult for us to imagine an architect saying “no” to the unnecessary renovation of a public urban space (as the French duo Lacaton & Vassal did in Bordeaux) or saying “no” to the chance to plan a glass tower under the burning sun of Dubai. Architects always say “yes.” Sometimes “yes, but...” but they never say “no,” and the exceptions only confirm the rule.

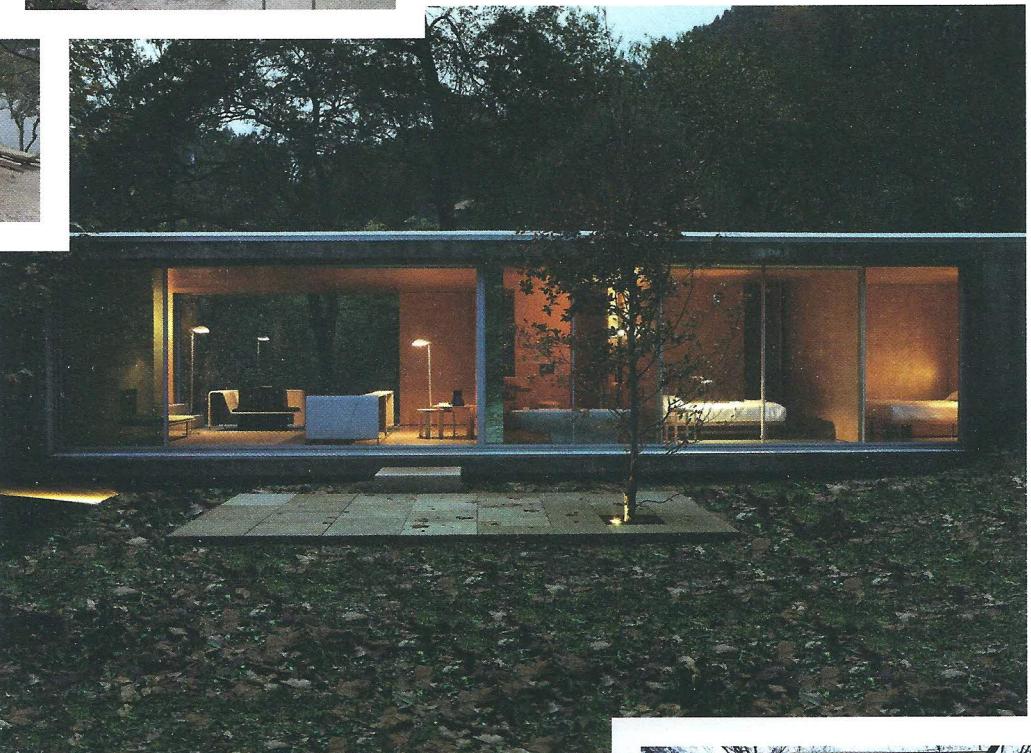
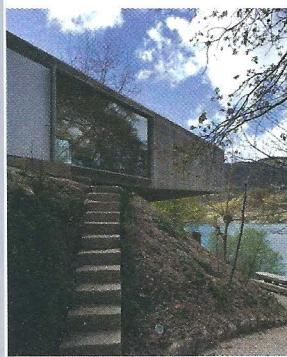
And you can then ask: with so much availability, why do we not have enough architects to plan the urban landscape in Portugal? One first response, sadly, will be to respond, “We have; the most recent landscape in our cities is the result of legitimate architectural actions!” which has to be somewhat disappointing. A second response, politically more correct in class terms, but also closer to reality, recognises that society finds it hard to see the advantage of contracting an architect, and that the revocation of the 73/73 law decree – that for 30 years allowed that anybody could undersign an architectural project – will not alter this feeling, at least in the short term. It is not that most Portuguese people do not recognise the *abstract* value of architecture. They recognise the *originality* of the Casa da Música, as they recognise the *austerity* of the architecture of Siza. But above all they recognise in this architecture a public status which, perversely, makes it difficult to domesticate. In other words, there is still a generalised sentiment that architecture is an inaccessible luxury in the hands of an architect-author who is not satisfied with the humble wishes or options of the common client. And regardless of whether the client recognises that architectural quality is



E o que podem os arquitectos fazer perante o cenário de crise e perante o desequilíbrio social e financeiro de um país euro-dependente? Seguramente que a grande maioria concordará que, no rescaldo de uma herança ideológica modernista fustigada pela certeza do neoliberalismo, nada se poderá fazer, que não dar resposta às poucas solicitações que o mercado público ou privado vão oferecendo.

Dificilmente imaginamos um arquitecto dizer “não” à desnecessária renovação de um espaço público urbano (como fizeram a dupla de franceses Lacaton & Vassal em Bordéus) ou dizer “não” à possibilidade de projectar uma torre de vidro sob o sol abrasador do Dubai. Os arquitectos dizem sempre que “sim.” Eventualmente “sim, mas....” Mas nunca dizem “não” e as exceções só confirmam a regra. E então poder-se-á perguntar: com tanta disponibilidade, porque não temos mais arquitectos a projectar a paisagem urbana em Portugal? Uma primeira resposta, pontualmente confrangedora, será responder, “temos; a paisagem mais recente das nossas cidades é já o resultado de legítimas intervenções arquitectónicas!,” o que não deixa de ser por vezes decepcionante. Uma segunda resposta, politicamente mais correcta em relação à classe, mas também mais próxima da realidade, passará por reconhecer que a sociedade dificilmente entende a vantagem de contratar um arquitecto, e que não será a revogação do 73/73 que irá alterar esse sentimento, pelo menos a curto prazo. Não é que a grande maioria dos portugueses não reconheça o valor *abstracto* arquitectura. Reconhecem a *originalidade* da Casa da Música, assim como reconhecem a *austeridade* da arquitectura de Siza. Mas acima de tudo reconhecem nesta arquitectura um estatuto público que, perversamente, dificultará a sua domesticação. Ou seja, há ainda um sentimento generalizado de que arquitectura é um luxo inacessível nas mãos de um arquitecto-autor que dificilmente se comprazерá com o humilde desejo ou possibilidades do cliente banal. E independentemente de o cliente reconhecer, ou não, que a qualidade arquitectónica é um investimento com retorno a prazo, a realidade é que a maioria continua a não ter disponibilidade financeira para comprar casa própria e muito menos para recorrer aos serviços do arquitecto, pelo menos do arquitecto-autor que estamos habituados a ver nas capas das revistas da moda, exacerbando um formalismo e pormenores tantas vezes excêntricos.

Mas nem todos os arquitectos aparecem nas revistas.

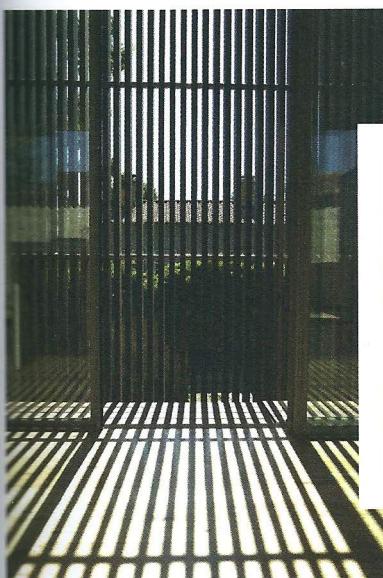


Correia/Ragazzi Arquitectos
House in Gerês, 2006

The well-known and previously published weekend house is located to the south of the Albufeira da Caniçada lake. Its layout of three bedrooms, living room and kitchen, simply resolved, uses rigid geometry along a rectangular floor. This parallelepipedic house would not be of great interest in another location, but, in this hidden valley, half-poised on the land and cantilevered by one third over the water, it makes a gesture that is difficult to ignore. Closed laterally on the cantilevered part, laterally opened on the part that touches the land (which we can imagine as a counterweight) it challenges the logic of structural balance that is, in the end, hidden in the projecting slab. Unsettling and provoking, it is, paradoxically, discreet in its relationship with the countryside. This harmonious dialogue with the exuberant vegetation is not only explicit in the framework of the spans, but also in the rough texture of the visible concrete, finished with wood and tending to gain "patina" over time.

Correia/Ragazzi Arquitectos
Casa no Gerês, 2006

Esta conhecida e sobejamente publicada casa é uma habitação de fim-de-semana na margem sul da albufeira da Caniçada. O seu programa de três quartos, sala e cozinha, resolveu-se de modo banal, condicionado à geometria rígida da planta rectangular. Esta casa paralelepípedica não teria qualquer interesse noutro lugar mas, neste vale escondido, semi-pousada no terreno e balançada na proporção de um terço para a água proporciona um gesto difícil de ignorar. Fechada lateralmente na parte que balança, aberta lateralmente na parte que pousa no terreno (onde imaginamos que deveria estar o contrapeso) desafia a lógica do equilíbrio estrutural que está, afinal, dissimulado na própria laje projectante. Inquietante e provocadora é, paradoxalmente, discreta na sua relação com a paisagem. Este diálogo harmonioso com uma vegetação exuberante não só está explícito no enquadramento dos vãos, como também na textura áspera do betão aparente, cofrado com madeira e tendencialmente melhor com a pátina do tempo.



Paula Pinheiro
Two Houses for Rural Tourism, 2007

Here is a project for two rural tourism dwellings that stands in stark contrast to the goals of Hotel Axis. It works on the presumption that anyone looking for rural tourism is seeking the comfort and tranquillity associated with a certain nostalgia for the countryside. The architecture of the two dwellings encourages this expectation, presented in a discreet, silent way that is perfectly integrated into the pre-existing vernacular. Its interior can, paradoxically, be said to be urban or cosmopolitan, taking refuge in the *minimal-chic* trend (glass box, boxes of visible concrete), which impress by the way that the building crosses the former threshing floor without touching it (a steel beam carrying a span of almost 10 metres). The false facade acting as a "skin" (to use the dated expression of Herzog and de Meuron) encourages a discreet articulation between the new volumes of the housing programme and the social space of the courtyard garden. Simple, without necessarily being humble.

Paula Pinheiro
Duas Habitações para Turismo Rural, 2007

O projecto está nos antípodas dos objectivos de atractividade do Hotel Axis. Pressupõe-se que quem procura o turismo rural procura o conforto e a tranquilidade associados a uma certa nostalgia do campo. A arquitectura das duas habitações favorece essa expectativa, apresentando-se de um modo discreto, silencioso e perfeitamente integrado no conjunto vernacular preexistente. O seu interior poder-se-á dizer, paradoxalmente, urbano ou cosmopolita, refugiando-se na tendéncia *minimal-chic* (caixa de vidro, caixas de betão aparente), que não deixará de impressionar pelo modo como o edifício atravessa o espaço da eira sem lhe tocar (uma viga de aço vence o aparatoso vão de quase 10 metros). Um falso alçado assumido como "pele" (na expressão datada de Herzog & de Meuron) favorece a articulação discreta entre os novos volumes do programa habitacional e o espaço social da quinta-jardim. Simples, sem ser necessariamente humilde.

an investment with a return over time, the reality is that most do not have the financial ability to buy their own house, far less to use the services of an architect, and even less the architect-authors who we are used to seeing on the covers of style magazines, exacerbating formalism and eccentric details.

But not all architects appear in magazines.

Maybe we should talk about two movements in Portuguese contemporary architecture: an apparently exceptional movement, informed, creative, which serves as a *model* and that makes the covers of magazines; and another that is really starting to impose itself, building the cities, which copies the models and that makes the pages of the newspapers' real estate supplements. If the first is more closely associated with experimentation and the creativity of the architect-author, the second has advantages to offer, compared to the illusory appearance of the first, a more accessible and marketable product (clearly distinct from a certain tradition of craftsmanship). But it will also be prudent to recognise that the opposite also exists, that is: architects-authors that are dedicated to accessible architectural production using systems and products that are now on the market; and the inverse, *second line* architects, who do not hesitate to show the whole ostentation of hyper-design in ridiculously domotic houses under the slogan of "intelligent architecture."

In justice we must also acknowledge all the other architects who, on the margins, run their practices rigorously and with indifference to any type of public exposition. Obviously the important thing for architecture, as well as all of this—which does have its own market—will be a sense of greater commitment that associates architectural quality and experimentation with a greater sense of accessibility and economy. Once again Lacaton & Vassal will serve as an example, but the relative success that they have in France could be unsuccessful in Portugal. To judge by what has been built in our country, it is difficult to free ourselves from thinking of architecture as a vehicle of social representation; "it may be beer, but we will drink it as if it were champagne."

Ironically, in this aspect the framework is also more complex.

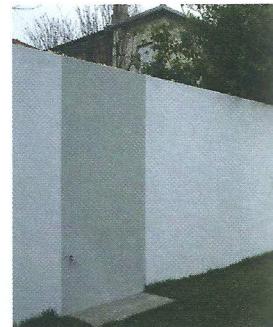
Talvez seja conveniente falar de dois andamentos na arquitectura portuguesa contemporânea: um andamento aparentemente de excepção, informado, criativo, que serve de *modelo* e que faz as capas das revistas; e um outro que verdadeiramente se começa a impor, construindo as cidades, que copia os modelos e que faz os conteúdos dos suplementos imobiliários dos jornais. Se o primeiro estará mais associado à experimentação e criatividade do arquitecto-autor, já o segundo terá como vantagem oferecer, com a aparência ilusória do primeiro, um produto mais acessível e comerciável (claramente distante de uma certa tradição *craftsmanship*).

Mas será também prudente reconhecer que o contrário também existe, ou seja: arquitectos-autor que se dedicam a uma produção arquitectónica acessível recorrendo a sistemas e produtos correntes no mercado; e o inverso, arquitectos da *segunda linha*, que não hesitam exprimir toda a ostentação do *hyper-design* em casas ridicilmente domóticas sob o *slogan* de "arquitectura inteligente." E justiça se faça ainda a todos os outros arquitectos que à margem de qualquer mediatisação exercem a sua prática com rigor e indiferença a qualquer tipo de exposição pública. Obviamente que o que interessará à arquitectura, para além de tudo isto —que já tem o seu mercado específico— será um sentido de maior compromisso que associe qualidade e experimentação arquitectónica a um maior sentido de acessibilidade e economia. Mais uma vez a dupla Lacaton & Vassal serviriam de exemplo, mas o relativo sucesso que têm em França depressa se revestiria de insucesso em Portugal. A julgar pelo panorama do que se constrói no nosso país, dificilmente nos libertamos de pensar a arquitectura como um veículo de representação social; "pode ser cerveja, mas terá de ser bebida como se de champanhe se tratasse."

Ironicamente, também neste aspecto o quadro é mais complexo. A representação social tem na arquitectura diferentes modos de se exprimir e quem detém poder económico prefere, agora, a descrição estruturada num *minimalismo* sofisticado. Não se trata de ocultar uma certa ostentação (ela está lá) mas de apropriar uma expressão que, subtilmente, queiramos ou não, vai ao encontro da *moda*, no seu sentido mais exclusivo. Estar na moda é também uma forma de representação social. Mas se há um primeiro andamento em que a moda é exclusiva, há também um segundo em a moda



EZZO
Rural Hotel
Paço de Pombeiro
2008



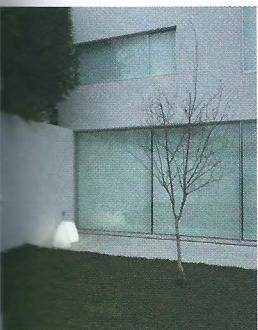
Paula Santos
Single Family
Housing
2006



**Barbosa &
Guimarães**
Vizeu Healthcare
Centre
2007



EZZO
Hotel Rural
Paço de Pombeiro
2008



Paula Santos
Habitação Unifamiliar
2006



Barbosa & Guimarães
Centro de Saúde de Vizela
2007

Social representation finds, in architecture, different ways of expressing itself, and holders of financial power now want descriptions structured within sophisticated *minimalism*. This is not to hide a certain ostentation (it is there) but to appropriate an expression that, subtly, like it or not, is looking for *style* in its most exclusive sense. Being in style is also a form of social representation, but if there is a first movement in which style is exclusive, there is also a second in which it acquires the status of a collective expression in its widest and most accessible sense. As an example, we can safely state that a third of the submissions to *Habitar Portugal* (from north to south) presented the formalism of the “white box on the stone wall.” This generalisation of a particular trend clearly makes it difficult to recognise cultural specifics (not to mention typological, programmatic, etc.) that may affirm the recognition of a specific *origin* or support, a specific linguistic option –because as referred to above, we are talking essentially of social or architectural *representation*.

To say that a “white box on the stone wall” is a legacy of modernism may be too vague, but to attribute it, for example, to the *Oporto School*, or more specifically to Souto de Moura, would be to go too far.

Of course, this question only makes sense in the context of an exhibition that aims to make a media display of contemporary Portuguese architecture, and more specifically a display that is distributed across different regions of continental Portugal.

From the start, in the role of curator for the Northern region of *Habitar Portugal*, I did not resist the temptation of asking naively if one can find any cultural specifics in the origin of the architecture built in this territory (first in the North, later in Portugal). Something that could sustain the sense of a *demarcated region*. The response is no.

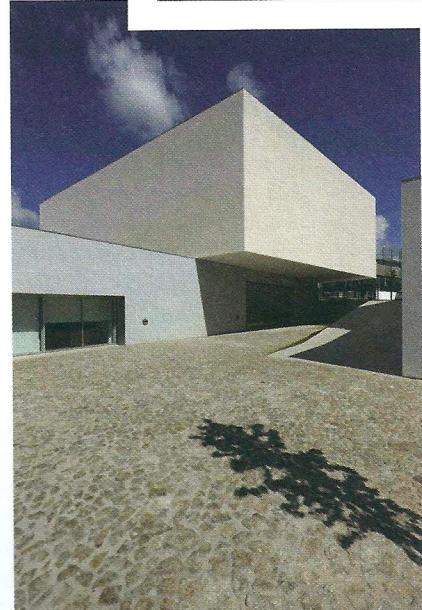
There is Álvaro Siza Vieira, *an autonomous region*, internationally recognised as Portuguese. This architecture is simultaneously informed and resistant, simultaneously sober and eccentric, simultaneously beautiful and sad. Siza could have submitted to *Habitar Portugal* (for example, with the Library of Viana do Castelo) but did not; an (inadvertently) generous act that we use as a pretext for stating that this territory is more complex and diverse than what



adquire o estatuto de expressão colectiva no seu sentido mais abrangente e acessível. Como exemplo, poderemos referir que seguramente um terço das arquitecturas autopropostas ao *Habitar Portugal* (de norte a sul) remetia para o mesmo formalismo da “caixa branca sobre o muro de pedra.” Esta generalização de uma ou outra tendência dificultará, por certo, o reconhecimento da especificidade cultural (para não dizer tipológica, programática, etc.) que possa afirmar o reconhecimento de determinada *origem* ou sustentar determinada opção linguística –porque como já se referiu, falamos essencialmente de *representatividade* social ou arquitectónica. Dizer que a “caixa branca sobre o muro de pedra” é uma herança do modernismo poderá ser demasiado vago, mas atribuí-la, por exemplo, à *Escola do Porto*, ou mais especificamente a Souto de Moura, não deixará de ser precipitado. Claro que esta questão só terá sentido no contexto de uma exposição que ambiciona fazer um retrato mediatisado da arquitectura contemporânea portuguesa, e mais especificamente um retrato que é distribuído por diferentes regiões continentais. Desde o início, na qualidade de comissário Norte do *Habitar Portugal*, que não resisti à tentação ingénua de me questionar se encontraria alguma especificidade cultural na origem da arquitectura construída neste território (primeiro no Norte, depois em Portugal). Algo que pudesse sustentar um sentido de *região demarcada*.

A resposta é não.

Existe Álvaro Siza Vieira, *região autónoma*, internacionalmente reconhecida como portuguesa. Uma arquitectura simultaneamente informada e resistente, simultaneamente sóbria e excêntrica, simultaneamente bela e triste. Siza poderia ter concorrido a *Habitar Portugal* (por exemplo, com a Biblioteca de Viana do Castelo) mas não concorreu; um acto (inadvertidamente) generoso que usamos como pretexto para afirmar um território mais



Eduardo Souto de Moura
Bragança Museum and Contemporary Art Centre, 2008

It is the result of the renovation of a building dating from the nineteenth century which houses the permanent exhibition, and the construction of a new building essentially intended for temporary art exhibitions. The combined structure stands around a garden-patio with a public character, allowing for a connection between the two parallel streets that border the Museum. If, on one hand, the old Solar Veiga Cabral continues to be the representative entry into the Museum, it is also true that from the street outside the new building is shown to be both abstract and conciliatory. In fact, only a plain white surface can help to contain the noise from the chaotic adjacent street. This gesture, so familiar within the architecture of the *Oporto School*, may seem dated and facile, but the elegance of its proportions, the illusory effect of suspension and the detailing of its gates and grilles provide a sensitivity that will be rare in any copies of this anthological building. A genuine *return to the past*.

Eduardo Souto de Moura
Museu e Centro de Arte Contemporânea de Bragança, 2008

É o resultado da recuperação de um edifício do século XIX (que acolhe a exposição permanente) e da construção de um novo edifício destinado, essencialmente, a exposições temporárias. O conjunto edificado desenvolve-se em volta de um pátio-jardim de carácter público que permite a ligação entre as duas ruas paralelas que limitam o Museu. Se, por um lado, o antigo Solar Veiga Cabral continua a ser a entrada representativa do Museu, não deixa de ser verdade que é na rua posterior que o novo edifício se afirma de forma tão evidente quanto abstracta e conciliadora. De facto, só uma superfície cega e branca poderá ajudar a conter o ruído de uma rua edificada à má sorte. Poderá parecer datado e fácil este gesto tão familiar à arquitectura da Escola do Porto, mas a elegância da sua proporção, o efeito ilusório de suspensão ou a pormenorização dos seus portões e caixilhos proporcionam uma sensibilidade que será rara nas cópias que se adivinham deste edifício antológico. Um legítimo regresso ao passado.

we see as commonplace.

We can therefore conclude that the complexity is the result of Portugal opening up to the world (a Portugal without frontiers, globalised) and that the internationalisation of Portuguese architecture is now a two-way process: import and export. And is this good?

“We, Europeans” was the slogan of the governing party that, in June 2009, lost the elections. It may be that it says nothing, but is natural that we should question ourselves about our *Portuguese-ness* or, more specifically, about the Portuguese-ness of Portuguese architecture (a specific identity that may be excused to some extent with the ideological ambition of the “Portuguese house”).

We, European architects? We do not want to be nostalgic, or to preach.

In reality, we prefer the comfort of stating that Portuguese architecture is “all architecture that is built in Portugal or by Portuguese architects.” Even so, this does not match the expectations that we have in seeing the winning selection. We export more architects, we import more architecture and the result of this exchange seems to dissipate any difference. But the differences must exist, because they are there on the social plane and on another scale between the coast and the interior.

In our history, we have never previously exported architecture. We have imported models that we have adapted to our options and imaginations, but we have not exported, because even what we built out then was within the “Portuguese World.” And we had, at that time, the central position of the sea, cartographical power and all the attention.

Today we definitely have less power, but, paradoxically, we increasingly export architects and architecture. However, can it be said that we export Portuguese architecture in the sense of the “Portuguese-ness” referred to? Would this be advantageous?

Some claim that competitiveness at a global level means homogenising international values and standards (the use of the Treaty of Bologna in Portuguese architectural schools demonstrates this), but there are also those who believe that competitiveness can be achieved by finding a niche – specifically resisting the most pressing expectations of internationalisation.

We have to go back to Siza because with him, and

complexo e diverso do que aquele que temos como lugar-comum mediatisado.

Poderemos assim concluir que a complexidade é o resultado da abertura de Portugal ao mundo (Portugal sem fronteiras, globalizado) e que a internacionalização da arquitectura portuguesa reflecte agora dois sentidos: importação e exportação. E isso é bom?

“Nós, europeus” foi o slogan do partido do poder que, em Junho de 2009, perdeu as eleições. Poderá não querer dizer nada, mas é natural que, assim, nos questionemos sobre a nossa *portugalidade* ou, mais concretamente, sobre a portugualidade da arquitectura portuguesa (uma identidade específica que de maneira alguma se poderá confundir com a ambição ideológica da “casa portuguesa”).

Nós, arquitectos europeus? Não queremos ser nostálgicos ou demagógicos.

Na realidade, preferimos o conforto de dizer que a arquitectura portuguesa é “toda a arquitectura que se constrói em Portugal ou por arquitectos portugueses.”

Ainda assim, isto não corresponde à expectativa que temos em ver a seleção ganhar.

Exportamos mais arquitectos, importamos mais arquitectura e o resultado desta troca parece dissipar qualquer diferença. Mas as diferenças devem existir, porque existem no plano social e existem, noutra escala, entre o litoral e o interior.

Na nossa história nunca antes exportámos arquitectura. Importávamos modelos que adaptávamos às nossas possibilidades e imaginação mas não exportávamos, porque mesmo o que era por nós construído lá fora nuca extravasava o “Mundo Português.” E tínhamos, então, a centralidade do mar, o poder da cartografia e toda a atenção. Hoje teremos definitivamente menos poder, mas, paradoxalmente, exportamos cada vez mais arquitectos e arquitecturas. Mas poder-se-á dizer que exportamos uma arquitectura portuguesa no sentido da referida *portugalidade*?

Será isso vantajoso?

Há quem defenda que a competitividade a nível global se faz pela homogeneização dos valores e padrões internacionais de referência (a aplicação do tratado de Bolonha nas escolas portuguesas de arquitectura é disso reflexo), mas há também quem acredite que a competitividade é alcançável conquistando um lugar de excepção – resistindo, precisamente, às expectativas mais imediatas da internacionalização.

practically only with him, we exported an image of *internationalisation* indisputably associated with an image of Portuguese-ness. Of course things are not so simple: if there is a sense of *place* in Siza it is the specific place to which he exports, adapting and reacting to the context, aiming to be Roman in Rome and to be a Berliner in Berlin. “*Ich bin Berliner*”, one could say. And yet we can still recognise a gesture, an attitude, all the serene poetry of the culture of the south, white blocks under the sun, distant from the notion of progress, used to waiting. And if it did not have this specificity, anchored, even if forcibly, in “*constructive-anthropological justifications*” (as Pedro Gadinho claims) would this architecture have had the same success? The same competitiveness?

Firstly, we can talk about the imbalance between the sense of exporting Portuguese architecture and the sense of importing foreign architecture. However, if we look closely we will realise that there is no country with open frontiers about which we can say, today, that it exports more architecture than it imports. If, on one hand, globalisation obliterated any sense of origin –which the architecture reflects, as Rem Koolhaas claimed, in *generic* production– then, on the other hand, and somewhat paradoxically, we are not embarrassed to recognise the alien character of many of the objects built in Portugal. It is as if a ghost of Portuguese-ness remains in our imaginary, a ghost from which we cannot free ourselves. Or can we?

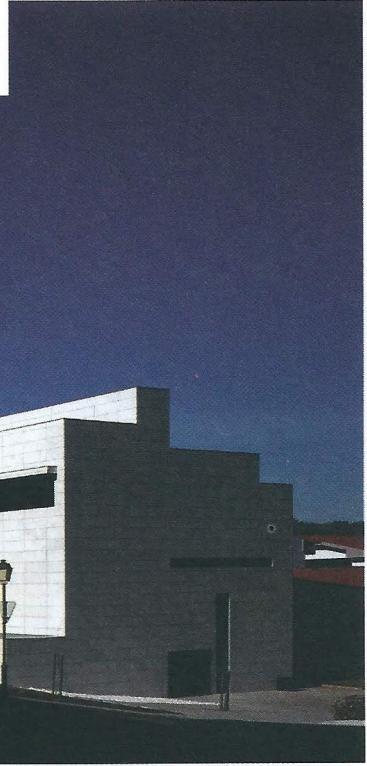
Do we “inhabit” Europe? This would be the moment where many would be delighted to note the absence of a specific culturally Portuguese architecture. We may even suspect that this is precisely due to the *alien* nature of the architecture built in Portugal, coming from models imported from various sectors, which provide hope for the architectural and property market as a light at the end of the tunnel. In fact, even in the northern interior, where European money will hardly reach, there seems to be no embarrassment about trying out the most *current* practices in the international architectural panorama. We may have lost the deconstructivist train of Peter Eisenman or the exuberant sculpture of Frank Gehry but we still have “minimalist charm” –international style,

Teremos necessariamente de voltar a Siza porque com ele, e praticamente só com ele, exportamos uma imagem de *internacionalização* indiscutivelmente associada a uma imagem de portugalidade. Claro que a coisa não é assim tão simples: se há um sentido de *lugar* em Siza é o lugar específico para onde exporta, adaptando-se, reagindo ao contexto, procurando em Roma ser romano e em Berlim ser berlinense. “*Ich bin ein berliner*” poderia ter dito. E ainda assim reconhecemos-lhe um gesto, uma atitude, toda a poesia serena de uma cultura do Sul, volumes brancos ao sol, longe do progresso, habituados a esperar. E se não fosse esta a sua especificidade, ancorada, mesmo que forçadamente, em “*justificações construtivo-antropológicas*” (como defende Pedro Gadinho) essa arquitectura teria o mesmo sucesso? A mesma competitividade?

Num primeiro olhar poderíamos falar do desequilíbrio entre o sentido da exportação da arquitectura portuguesa e o sentido da importação da arquitectura alienígena. Mas se olharmos com atenção percebemos que não existe nenhum país de fronteiras abertas que possa dizer, hoje, que exporta mais arquitectura do que aquela que importa. Se, por uma lado, a globalização obliterou um qualquer sentido de origem –que na arquitectura se traduz, como defendeu Rem Koolhaas, numa produção *genérica*–, por outro lado, e algo paradoxalmente, não teremos pudor em reconhecer o carácter alienígena de muitos dos objectos que se constroem em Portugal. Como se, de facto, persistisse, no nosso imaginário, uma fantasmagoria de portugalidade da qual não nos conseguimos livrar. Ou conseguimos?

Habitar Europa? Este seria o momento onde mais se faria notar o regozijo sobre a ausência de uma especificidade cultural da arquitectura portuguesa. Suspeitamos mesmo que será precisamente a *alienigenização* da arquitectura que se constrói em Portugal, decorrente de modelos importados de diversos quadrantes, que esperança o mercado arquitectónico e imobiliário, como uma luz ao fundo do túnel. De facto, mesmo no norte interior, onde o dinheiro europeu terá mais dificuldade em chegar, não parece haver pudor em experimentar o que de mais *actual* se pratica no panorama internacional da arquitectura. Podemos ter perdido o comboio desconstrutivista de Peter Eisenman ou a exuberância escultórica de Frank Gehry



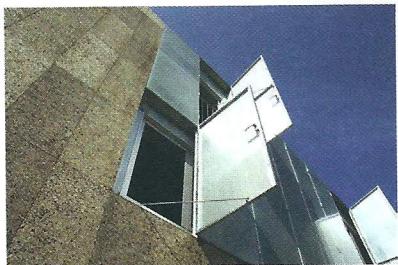


António Belém Lima
Extension of Boticas Municipal Hall, 2008

A building that offers a scenic character to public administration. Representation is taken down to a detailed level: "a gentle ramp that emphasises the tempo of municipal ceremonies," a "balcony overlooking the town square," "the triple baseboard giving an atmosphere of luminosity that should always be associated with public matters in Boticas." The sober and necessarily institutional volume, emphasised by the general stone cladding, will surprise with its different levels and horizontal openings, giving the building an asymmetric but harmonious and sensual nature. It aims to draw attention and be central to Boticas, giving a political image of the Municipal Council. In contrast, another work by Belém Lima (in co-authorship with Cláudia Almeida) would also deserve to be part of this selection: the *Multiusos Bairro Alagoas*, a social housing project for village of Godim, that, at controlled costs, still manages to bring a strong and sensitive identity to its articulation with public space.

António Belém Lima
Ampliação dos Paços do Concelho de Boticas

O edifício que atribui à administração pública um carácter cénico. A representação é levada ao pormenor: "a rampa lenta que enfatiza o tempos das cerimónias municipais," a "varanda política sobre a praça municipal," "o pé direito triplex constituindo uma atmosfera de luminosidade que ficará sempre associado à coisa pública em Boticas." O volume sóbrio e necessariamente institucional, enfatizado pelo revestimento generalizado de pedra, não deixará de surpreender pelo jogo proposto de patamares e vãos rasgados na horizontal que, assimetricamente, imprimem ao edifício um carácter harmonioso e sensual. Arrebatador de atenção e da centralidade de Boticas, assume-se como a imagem política da Câmara Municipal. Por contraste, uma outra obra de Belém Lima (em co-autoria com Cláudia Almeida) merecia fazer parte desta selecção: o *Multiusos Bairro Alagoas*, um projecto para um bairro social de Godim, que, a custos controlados, consegue uma identidade forte e sensível na articulação com o espaço público.

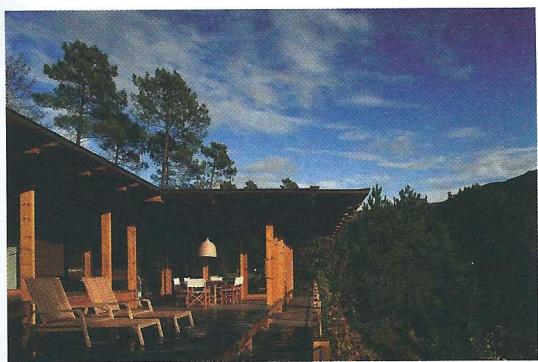
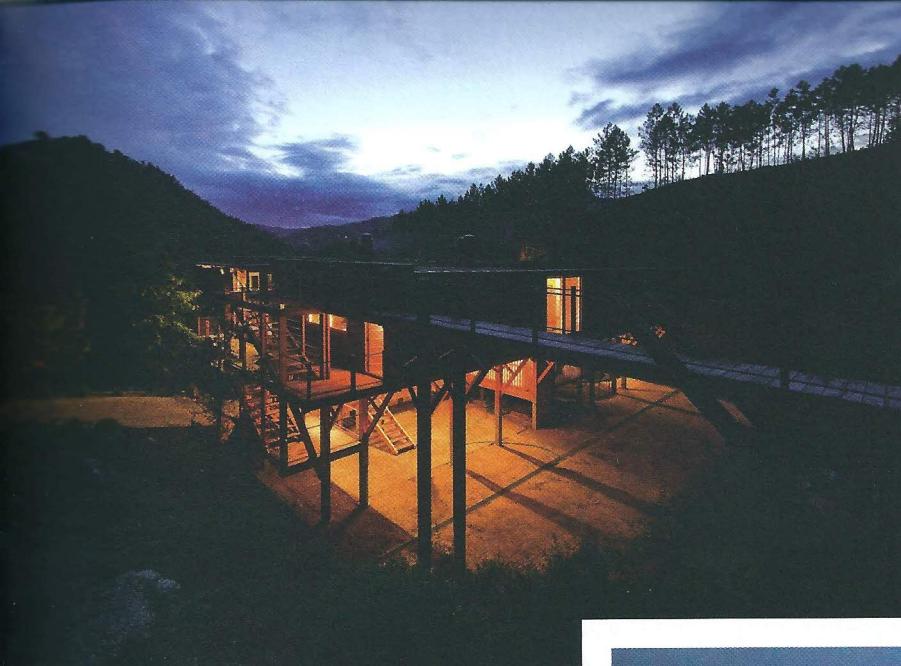


Arquitectos Anónimos ®
Cork House, 2007

The fact that Portugal is one of the largest cork exporters does not detract from the strangeness of its use as an exterior finish. The result of a tight budget and of a client unfolding in "ten striking personalities" (each with its own opinion), Cork House is assumed as a family meeting point, both in the collective and impersonal sense, allowing an abstraction that only evokes the iconography of the *house* in the synthetic image of the gabled roof. Everything else is set out in the language of low-cost experimentation, but nonetheless dignifying materials of an industrial nature. In the case of metal doors, it determines, for example, the metamorphosis of a simple and accessible object. The interior allows for a conventional and pragmatic organisation. Cork's House neighbours, living in a granite palace, will take some time to digest the strangeness of this singular object.

Arquitectos Anónimos ®
Casa Cork, 2007

O facto de Portugal ser um dos maiores exportadores de cortiça não atenua a estranheza decorrente do seu uso como revestimento exterior. Resultado de um orçamento restrito e de um cliente desdoblado em "dez personalidades vincadas" (cada uma com a sua opinião), a Casa Cork assume-se como o espaço de reunião familiar pontual, no sentido colectivo e impersonal, permitindo-se a uma abstracção que apenas evoca a iconografia da casa na imagem sintética do telhado de duas águas. Tudo o resto se assume na linguagem da experimentação low-cost, encontrando-se, contudo, a maior dignidade no uso de materiais de carácter industrial. No caso das portadas metálicas, isto determina, por exemplo, a metamorfose de um objecto simples e acessível. O interior deixa adivinhar uma organização convencional e pragmática. Os vizinhos da Casa Cork, moradores de um palacete de granito, é que vão demorar algum tempo a entrinchar a estranheza deste objecto singular.



Carlos Castanheira
Adpropeixe House, 2008

Definitely one of the most interesting domestic architecture projects produced in Portugal in recent decades. It is a project that shows pragmatism in its complex and delicate wooden structure, providing interior comfort while strongly set within the dramatic landscape of the mountains and waters of Gerês. Paradoxically both objectual and integrated, we can imagine it as a *tree house* due to its elevation to the height of the tops of the adjacent trees, but also due to its scale and materiality. The relationship with nature is emphasised by a body of decks that provide a spontaneous and informal appropriation. The advances and retreats along the roof (clad in copper) also complexify the limits between interior and exterior, providing spaces for hybrid use. Curiously, we seem to be closer to Japanese spatial awareness than to the usual Portuguese tradition.

Carlos Castanheira
Casa de Adpropeixe, 2008

Será, seguramente, um dos projectos mais interessantes da arquitectura doméstica produzida em Portugal nas últimas décadas. É um projecto que assume com pragmatismo a sua estrutura de madeira, complexa e delicada, proporcionando um conforto interior fortemente comprometido com a paisagem dramática das serras e águas do Gerês. Paradoxalmente objectual e integrada, não deixará de remeter para um imaginário de *casa na árvore* devido à sua elevação ao nível das copas das árvores adjacentes, mas também devido à sua escala e materialidade. A relação com a natureza é enfatizada por um corpo de *decks* que proporcionam uma apropriação espontânea e informal. Os avanços e recuos da cobertura plana (revestida a cobre) complexificam igualmente os limites entre interior e exterior, proporcionando espaços de uso híbrido. Curiosamente, parecemos estar mais próximos de uma espacialidade japonesa do que alguma vez a tradição portuguesa nos possa ter habituado.

with a light vernacular touch accentuated by the stone walls of the region. This phantom view of Portuguese-ness simultaneously seems to decline “blobs” and other algorithms.

So we are modern, but not just that; we are smoothly modern. This is a rule (from afar), to which there are exceptions, as we shall see below.

Of the nearly seventy projects submitted *Habitar Portugal* north, we could only select ten, which meant we had to put works of undeniable quality aside. For the same reason, no works in this region were nominated beyond the vast group submitted.

The criterion adopted therefore became an attempt to offer a diverse view of what has been built, taking into account the premises, in the search for architecture that could contribute to the “transformation of Portuguese society.”

The context of *transformation* does not necessarily imply the idea of rupture, but this is the image that we primarily associate with the **Axis Viana Hotel**: a foreign object in a city that has for years debated the demolition of the Coutinho building. The Axis could even be a building in Rotterdam, but it is in this specific context of tiled houses with burnished aluminium doors that it acquires its exceptional character.

The ten works selected transmit, albeit differently, this same sense of exception, of surprise and foreign emotion, contributing to a new relationship with the place that, not its *origin*, it has to improve.

Therefore, the criterion was to select works that assume an expressiveness arising from a search for alternative construction systems. **Cork House** by the Arquitectos Anónimos® in Espoende, clad in cork, is an example of how budgets need not control creativity. And the **Adpropeixe House** by Carlos Castanheira, built on a palisade of wood, expresses the technical control of the project along with a sense of unparalleled comfort.

Another criterion was the selection of works that demonstrated a sense of integration into the countryside, but without losing a strong architectural expression. The **House in Gerês** by Graça Correia and Roberto Ragazzi, balanced above the lake of Albufeira da Caniçada, or the **Two Houses for Rural Tourism** by Paula Pinheiro, show, in this regard, a harmonious and simultaneously provocative dialogue.

Our criterion was to select works of a public nature that creatively combine new programmes

mas não vamos passar ao lado do *charme minimalista* —ao estilo internacional, com um ligeiro toque vernacular acentuado pelo muro de pedra da região. A tal fantasmagoria da portugalidade que, simultaneamente, parece declinar os *blobs* e outros algoritmos. Enfim somos modernos, mas não tanto; somos suavemente modernos. Esta é a regra (que vem de longe), porém, e, como veremos em seguida, existem exceções.

Dos quase setenta projectos autopropostos a *Habitar Portugal* Norté apenas pudemos seleccionar dez, o que implicou deixar de lado obras de qualidade inquestionável. Por este mesmo motivo abdicou-se, nesta região, de nomear obras para lá do imenso grupo de obras autopropostas. O critério adoptado passou, assim, por tentar oferecer um panorama diversificado do que se constrói, tendo em consideração as premissas do evento na procura de arquitecturas que possam contribuir para a “transformação da sociedade portuguesa.”

No sentido de *transformação* não estará necessariamente implícita uma ideia de ruptura, mas foi esta imagem que primeiramente associámos ao **Hotel Axis Viana**: um objecto estranho numa cidade que se debate há anos pela demolição propagandística do edifício Coutinho. O Axis até poderia ser um edifício em Roterdão, mas é neste contexto específico, de casas revestidas a azulejo e portas de alumínio dourado, que adquire o seu carácter excepcional.

As dez obras seleccionadas transmitem, embora de modo distinto, esse mesmo sentido de exceção, de surpresa e uma estranha emoção, contribuindo para uma nova relação com o lugar que, não sendo o seu de *origem*, não deixará de melhorar.

Assim, tivemos como critério seleccionar obras que assumem uma expressividade decorrente da procura de sistemas construtivos alternativos aos usuais.

A **Casa Cork** dos Arquitectos Anónimos® em Espoende, revestida a cortiça, é o exemplo de que não são os orçamentos que condicionam a criatividade. E a **Casa de Adpropeixe** de Carlos Castanheira, construída sobre paliçada de madeira, exprime um controlo técnico do projecto associado a um sentido conforto inigualável. Tivemos também como critério a selecção de obras que demonstraram uma sensibilidade de integração na paisagem, sem contudo abdicar de uma forte expressividade arquitectónica. A **Casa no Gerês**, de Graça Correia e Roberto Ragazzi, balançada sobre a albufeira da Caniçada, ou as **Duas Habitações de Turismo Rural** de Paula Pinheiro, evidenciam, neste aspecto, um diálogo harmonioso e simultaneamente provocador.



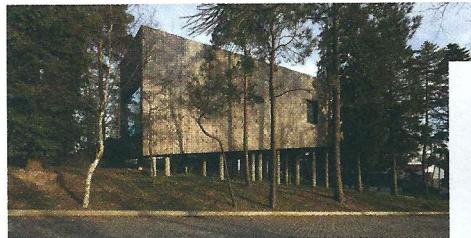


Jorge Sodré de Albuquerque
Axis Viana Hotel, 2008

In a clearly provocative gesture the work marks the entrance to the city of Viana do Castelo and it is difficult to ignore. This combination of "overlapping and de-phased" volumes expresses an intelligent compromise between architecture, structure and the commercial ambition of a hotel group strongly committed to promoting a contemporary image. In contrast with the atmosphere of very little identity of the surroundings, we might say that the architects, maybe under the influence of the more recent Dutch architecture, share with Rem Koolhaas the slogan underlying *Casa da Música*: *fuck the context*. However, if the global image is provocatively contrasting, its most immediate scale is still sensitive in adapting to the streets' different heights and scales. The approach to this object reveals standardised detailing and efficiency in the compromise between economy and the creation of a *Wallpaper* environment. In two words: it is the *society of the spectacle*.

Jorge Sodré de Albuquerque
Hotel Axis Viana, 2008

É difícil ignorar a obra que, num gesto claramente provocador, se afirma à entrada da cidade. Este conjunto de "volumes sobrepostos e desfasados" exprime um inteligente compromisso entre arquitectura, estrutura e a ambição comercial de um grupo hoteleiro fortemente empenhado na promoção de uma imagem contemporânea. Contrastando com uma envolvente de parca identidade, poderíamos dizer que os arquitectos, talvez sob a influência da mais recente arquitectura holandesa, partilham com Rem Koolhaas o *slogan* subjacente à *Casa da Música*: *fuck the context*. Mas se a imagem global é provocatoriamente de contraste, na sua escala mais imediata não deixa de ser sensível na adaptação ao desnível e escala entre ruas. A aproximação a este objecto revela uma pormenorização estandardizada e eficaz no compromisso entre a economia e a criação de um ambiente *Wallpaper*. Em duas palavras: eis a *sociedade do espectáculo*.

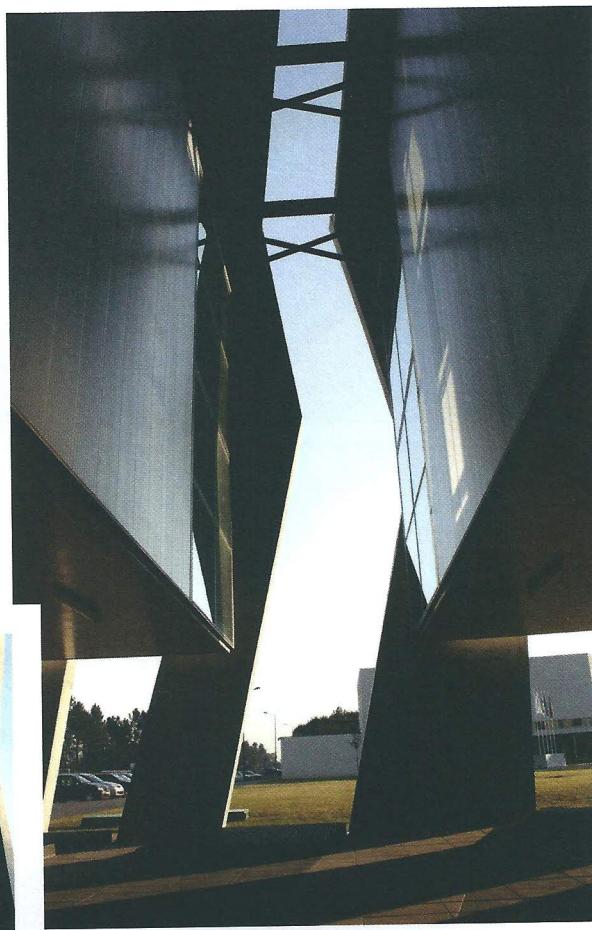


Atelier da Bouça
Corno de Bico
Interpretation Nature Center, 2007

A building that, within its pedagogic aim of valuing the protected countryside of Corno de Bico, is peacefully integrated into a small forest of trees and pillars of reinforced concrete. The irony of this gesture, which goes beyond the area of the building itself, emphasises the feeling of a "cinematic" entrance along a ramp that rises in a curve to the raised entrance floor. Built in the place where the construction of a church was planned for this agricultural community (resulting from the process of "internal colonisation" followed by the Secretary of State for Agriculture in 1940), the education centre is a complex that has also restored the existing buildings. The school and the respective teacher's house have been adapted into a canteen and lodgings, giving the whole assembly an expressive coherence. The facade is finished in small blocks of wood, softening its visual impact on the natural environment, and instilling the building with a more Scandinavian feel than normal in the south of Europe.

Atelier da Bouça
Centro de Educação e Interpretação Ambiental da Paisagem Protegida de Corno de Bico, 2007

Um edifício que, no seu âmbito pedagógico de valorizar a paisagem protegida de Corno de Bico, se apresenta pacificamente integrado numa pequena floresta de árvores e pilares de betão armado. A ironia deste gesto, que extravasa a área do próprio edifício, enfatiza o sentido do "percurso cinematógrafo," em rampa, que ascende em curva ao piso elevado da entrada. Construído no lugar onde estaria projectada a construção da igreja desta comunidade agrícola (resultante do processo de "colonização interna" levado a cabo pela Secretaria de Estado da Agricultura em 1940), o Centro de Educação é um complexo que soube também recuperar os edifícios existentes. A escola e a respectiva casa do professor foram agora adaptados a cantina e pousada, atribuindo ao conjunto uma coerência expressiva. O alçado escamado em pequenos pedaços de madeira, suavizando o seu impacto visual no ambiente natural, não deixará de imprimir ao edifício uma imagem bastante mais nórdica do que é usual neste Sul da Europa.



Imago

Spinpark - Technological Companies Incubator, 2008

A building planned for an unlikely place between Guimarães and Braga, which we quickly associate with the "diffuse city." Maybe the absence of an identifiable centrality justified the option of designing a building with a memorable image. The two brothers, architects and engineers, proposed a *mega-structure*, which in a spiral logic between reinforced concrete pillars and trellised steel beams suspends a number of translucent boxes that hold technology and service companies. The main advantage of the programme's suspension is the release of a multi-functional public space at ground floor level. The technological nature of the building is accentuated by the structural visibility, by the translucent polycarbonate cladding, or by the visibility of all the infrastructure. The final result gives a feeling of *de-materialisation* that can certainly serve as a metaphor for software engineering

Imago

Spinpark – Incubadora de Empresas de Base Tecnológica, 2008

Um edifício projectado para um lugar improvável entre Guimarães e Braga, que depressa associamos à "cidade difusa." Talvez a ausência de uma centralidade identificável tenha justificado a opção de projectar um edifício com uma imagem memorável. Os dois irmãos arquitectos e engenheiros propuseram uma *mega-estrutura* que numa lógica espiral entre pilares de betão armado e vigas treliçadas de aço suspenze um conjunto de caixas translúcidas que abrigam as empresas de tecnologia e serviços. Esta suspensão do programa tem como principal vantagem a libertação de um espaço público, multifuncional, ao nível do rés-do-chão. O carácter tecnológico do edifício é acentuado pela visibilidade estrutural, pela translucidez do revestimento em policarbonato ou pela visibilidade de todas as infra-estruturas. O resultado final remete para um sentido de *desmaterialização* que por certo servirá de metáfora à engenharia do software.

with old buildings, with examples of renovation and extension. In this context, the **Bragança Museum and Contemporary Art Centre**, by Eduardo Souto de Moura, the **Town Hall of Boticas**, planned by Belém Lima, or the **Environmental Education and Corno do Bico Interpretation Centre**, by Filipa Guerreiro and Tiago Correia, are three examples of the best institutional investment.

Yet another criterion was to recognise the formal search for new architectural languages in a territory in which there are few references. In this case, the **Office Building** by João Paulo Loureiro, in Terronhas, or the **Spinpark** in Caldas das Taipas, by André and António Fontes, imprint social visibility on the design of the architecture, with this latter project even used as an image for an electoral campaign.

They are ten examples of architecture built around the margins of the critical view described at the start of this text, which have overcome all the pessimism that also characterises our “Portuguese-ness,” and which have achieved the difficult compromise between legislation, programmes, budgets or timescales and so managed to show an architectural sensibility full of beauty and comfort. However, we must also recognise that these projects had clients with an unusually sensitive belief that architecture is, as well as an investment in the quality of housing, a “poetic profession.” These will therefore be exceptional works in the national panorama, eventually works that “descend dancing from heaven,” and that reveal a modern objective inheritance. But above all they are exemplary works regardless of their setting, because their priority was a pragmatic (and therefore also authored) response to a specific problem.

Pedro Bandeira graduated from FAUP and teaches at the DAUM. He is the author of the book *Projetos Específicos para um Cliente Genérico* (Dafne Editora, Porto, 2006). By invitation of the Ministry of Culture he integrated Metaflux, the Portuguese exhibition at the 2004 Biennale di Architettura di Venezia, and represented Portugal at the 2005 Bienal de Arquitetura de São Paulo.

Tivemos como critério seleccionar obras de carácter público que souberam conciliar de modo criativo novos programas a velhos edifícios, sendo exemplares ao nível da recuperação e da ampliação. Neste sentido, o **Museu e Centro de Arte Contemporânea de Bragança**, de Eduardo Souto de Moura, a **Câmara de Boticas**, projectada por Belém Lima, ou o **Centro de Educação e Interpretação Ambiental de Corno de Bico**, de Filipa Guerreiro e Tiago Correia, são três exemplos do melhor investimento institucional.

E tivemos ainda como critério reconhecer a procura formal de novas linguagens arquitectónicas num território escasso de referências. Neste caso, o **Edifício de Escritórios** de João Paulo Loureiro, em Terronhas, ou o **Spinpark** em Caldas das Taipas, de André e António Fontes, imprimem uma visibilidade social ao desenho de arquitectura, chegando este último projecto a ser usado como imagem de campanha eleitoral.

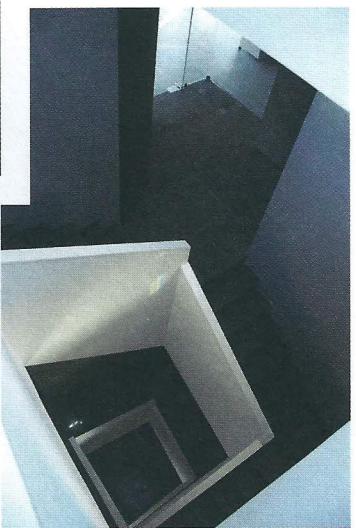
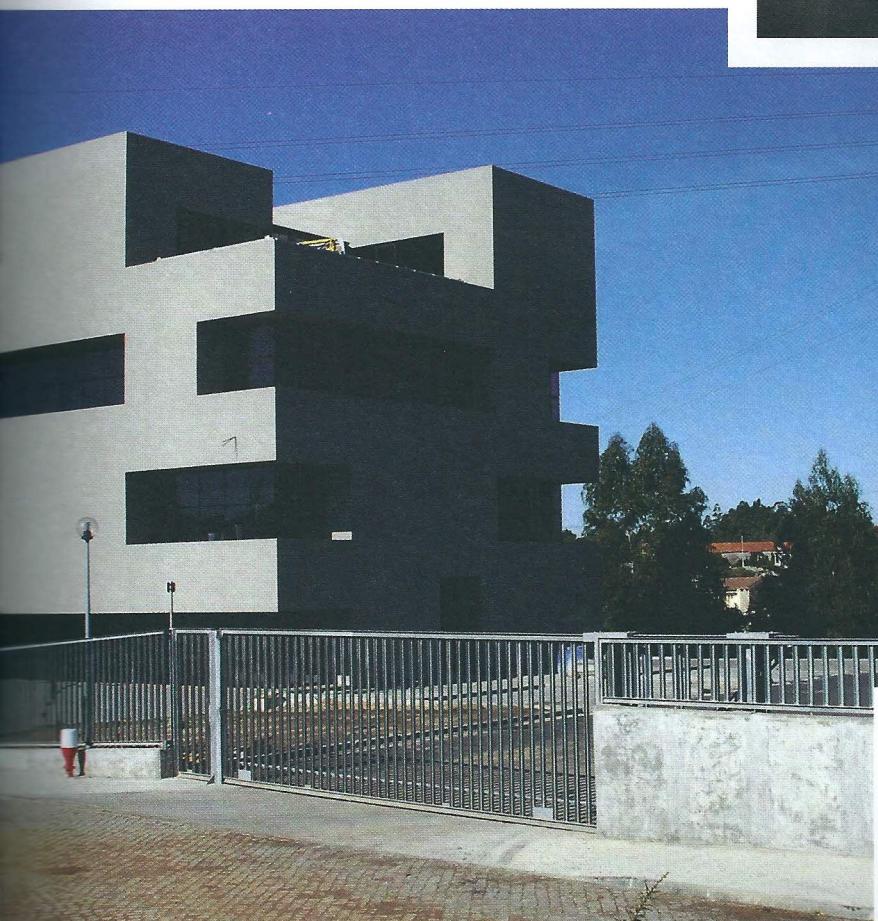
São dez exemplos de arquitecturas que se edificaram à margem do panorama crítico descrito no início deste texto, que souberam contornar todo o pessimismo que também caracteriza a nossa “portugalidade,” que souberam conquistar o difícil compromisso entre legislação, programas, orçamentos ou prazos e, ainda assim, evidenciar um sentido arquitectónico pleno de beleza e conforto.

Mas devemos também reconhecer que estes projectos tiveram clientes com a sensibilidade invulgar de acreditar que a arquitectura é, para lá de um investimento na qualidade do habitar, uma “profissão poética.”

Estas serão assim obras de excepção no panorama nacional, eventualmente obras que “descem dançando do céu,” e que revelam uma herança objectual moderna. Mas serão, acima de tudo, obras exemplares independentemente da sua mediatização, porque tiveram como prioridade a resposta pragmática (e ainda assim autoral) a um problema específico.



Pedro Bandeira arquitecto pela FAUP, é professor no DAUM. É o autor do livro *Projetos Específicos para um Cliente Genérico* (Dafne Editora, Porto, 2006). A convite do Ministério da Cultura representou Portugal na *Biennale di Architettura di Venezia* (2004) e na *Bienal de Arquitetura de São Paulo* (2005).



João Paulo Loureiro
Office Building

The project departs from an almost abstract design exercise. A sixteen metre cube is evoked, and a play of *volumes and emptied out spaces* does justice to the pre-established and hierarchical vertical programme (garage, secretarial, offices, administration, bar, meeting room and terrace). Without ever losing the cubic reading of the volume, openings are set with a logic that alludes to "Menger's sponge," where the apparent solidity contrasts with an infinite empty surface. Maybe the most difficult part of this exercise was to omit a vertical structure of pillars, giving a clear surface, free from the beams that define horizontality. From the simple construction system (visible in the cross section) and common construction materials, a very favourable relation quality/price ratio is achieved. The towering position of the building, allied to its strong image, will definitely create a landmark in this new industrial zone of Paredes.

João Paulo Loureiro
Edifício de Escritórios

O project parte de um exercício quase abstracto de desenho. Evoca-se um cubo com dezasseis metros de lado e aplica-se o jogo de cheios e vazios que faça justiça ao programa preestabelecido e hierarquizado na vertical (garagem, secretariado, escritórios, administração, bar, sala de reuniões e terraço). Sem nunca perder a leitura cúbica do volume, recortam-se vãos numa lógica que alude à "esponja de Menger" onde a aparência sólida contrasta com uma superfície infinita de volume nulo. Talvez o mais difícil deste exercício tenha sido omitir a estrutura vertical de pilares, que em situação alguma pôs em causa a superfície recuada e livre dos vãos que se afirmam horizontalmente. Recorrendo a um sistema construtivo simples (evidente no corte) e materiais de construção banais, poder-se-á falar de uma relação qualidade/preço muito favorável. A posição altaneira do edifício associada à sua imagem forte marcará, por certo, esta nova zona industrial de Paredes.